Dos Velórios *Online* aos Diamantes de Cinzas: a Ressignificação dos Rituais Fúnebres a partir das Tecnologias Digitais[1]

Aline Bianchini[2]
Erika Oikawa[3]
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Velórios *online*, cemitérios virtuais e até diamantes feitos a partir das cinzas de um ente falecido configuram-se hoje como práticas e produtos que surgem com as tecnologias digitais e que vêm imprimindo novos significados aos ritos fúnebres, presentes desde as sociedades mais antigas. O objetivo deste artigo é, justamente, refletir sobre o processo de ressignificação que tais rituais e práticas adquirem com a apropriação das tecnologias digitais na sociedade contemporânea. Para isso, analisamos essas transformações a partir dos rastros virtuais deixados em sites e ambientes *online* dedicados aos rituais fúnebres e às manifestações de luto.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologias digitais; rituais; morte; espetáculo.

O Significado da Morte no Ocidente

As sociedades de todas as épocas vêm tentando, a partir de diferentes simbologias, mitos e ritos, lidar com a temática da morte. Os questionamentos são sempre os mesmos: qual o sentido da morte? O que acontece quando morremos? De que maneira podemos enfrentar a perda de um ente querido? As explicações e os rituais, no entanto, são tão diversos quanto o número de culturas existente no mundo.

Na diversidade de formas como é compreendida, a morte, paradoxalmente, apresenta-se como um importante revelador acerca dos modos como a própria vida é definida e experienciada em cada cultura. Em certa medida, a morte "do outro" se constitui, inclusive, como uma ocasião para refletir sobre o próprio sentido da vida em um mundo, como o ocidental, em que não há espaço para a profunda reflexão desse tema.

Phillipe Ariès (2003), investigador do tema da morte no Ocidente, afirma que há uma "crise da morte" na contemporaneidade. O assunto se tornou objeto de um tabu – tema

[1] Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da FAMECOS-PUCRS, email: li.bianchini@gmail.com.
[3] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da FAMECOS-PUCRS, email: erikaoikawa@gmail.com.

sobre o qual não se deve falar e no qual as pessoas preferem não pensar, tendo em vista que não há resposta definitiva e a capacidade de lidar com as incertezas não é uma característica da sociedade ocidental atual.

Segundo o autor, as regras sociais atuais ditam que as manifestações de luto devem ser bastante contidas, possibilitando aos vivos retornarem o mais breve possível a suas atividades habituais. A morte, além disso, aparece como um caráter de fracasso ou vergonha – já que os discursos atuais culpam a medicina, por não ter sido capaz de salvar o doente, ou o próprio enfermo, que "perdeu a luta contra a morte".

A natural finitude humana passa então a ser um tema interditado, retirado das discussões cotidianas. Procura-se reduzir ao mínimo os rituais e procedimentos diante da morte, mantendo apenas as operações necessárias para fazer o sepultamento do corpo. Segundo Ariès (2003), a boa morte atual é a morte maldita do passado. É aquela que não perturba a sociedade e que se dá de forma discreta.

Assim, sem grandes alardes, esquecemos-nos da nossa própria finitude no cotidiano e vivemos de tal forma que a morte parece não existir. De acordo com Loureiro (1998), submersos em atividades cotidianas, eliminamos quase por completo as ideias da morte, principalmente as da nossa própria morte. Vivemos como se a finitude não estivesse presente nas suas relações. Para o autor, a morte pensada é a "do outro".

Em consonância com a perspectiva apontada por Ariès, Freire afirma que o homem segue negando sua superação, mas a própria natureza dessa negação tem sofrido transformações: "não são mais as projeções da ideia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse" (2006, p. 28).

Entretanto, certas práticas contemporâneas relacionadas à morte, em especial aquelas mediadas pelas tecnologias digitais, indicam que o modo como as pessoas, em especial as mais jovens, têm lidado com esse tema vem se modificando. Observar os rituais fúnebres contemporâneos é uma das maneiras de identificar essas transformações. Afinal, o ritual é um "fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade", além de expandir, iluminar e ressaltar o que já é comum a um determinado grupo (PEIRANO apud RODOLPHO, 2004, p.141). Nesse sentido, torna-se pertinente perguntar: quais valores e expressões podem ser percebidos na sociedade contemporânea, diante desses ritos fúnebres mediados pelas tecnologias digitais?

Os Rituais como Forma de Expressão Social

De acordo com Rodolpho (2004), os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social, na medida em que todos os rituais são baseados na repetição. Dessa maneira, ao serem executados repetidamente, os rituais se tornam conhecidos e identificáveis pelas pessoas, concedendo certa segurança entre seus praticantes. "Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social" (RODOLPHO, 2004, p.104). Daí a importância dos rituais nos momentos mais significativos da vida de uma pessoa: nascimento, entrada na vida adulta, casamento, e morte[4].

Neste trabalho, interessa-nos especificamente os ritos relacionados à morte, pois entendemos que seja o único destes quatro acontecimentos que possui um sentido de perda e uma carga negativa – ao menos nas sociedades ocidentais contemporâneas. A morte, portanto, seria representada de forma diferente nas redes sociais *online*, se comparadas aos ritos de nascimento e casamento, por exemplo, geralmente relacionados a momentos de grande felicidade.

Com base na obra *O livro das religiões*, Rodolpho afirma que os rituais de sepultamento "simbolizam a separação do mundo dos vivos; estes devem zelar pelo bom encaminhamento dos ritos segundo os costumes do grupo", pois um cadáver não é propriamente um "morto" até passar por esses ritos de passagem e pode acabar como um errante sobre a terra, ocasionando riscos para o mundo dos vivos. Em outras palavras, "socialmente, o indivíduo não mais é o que era, mas também ainda não é o que será, após o fim dos ritos" (RODOLPHO, 2004, p.142).

Na internet, essa questão é tensionada na medida em que os sistemas de computadores não reconhecem o perfil de um morto, que continua a ocupar o mesmo espaço do perfil de um vivo, sem nenhuma demarcação clara de um território dedicado ao descanso dos mortos, como observam Silvestre e Aguilera (2006) em trabalho sobre a representação da morte e do luto no ciberespaço. Dessa forma, os autores afirmam que, nesses espaços, "o luto [...] não assume a forma da despedida derradeira, mas encena a vida continuada do falecido" (SILVESTRE; AGUILERA, 2006, p. 9). Assim, de certa maneira, os mortos parecem continuar entre vivos, principalmente quando recebemos o lembrete de aniversário dessa pessoa nos sites de redes sociais ou qualquer outro aviso automático

[4] Segundo Rodolpho, esses quatro acontecimentos são marcados por rituais em quase todas as culturas.

próprio dos sistemas nos quais a existência *online* desses perfis continua na ativa, dando a impressão de que, de fato, acabamos por viver cercado de fantasmas (SILVESTRE; AGUILERA, 2006).

Dessa forma, Rezende e Barbosa (2007) afirmam que as novas tecnologias da informação contribuem para a ressignificação da morte nas sociedades ocidentais a partir dessa existência digital do "corpo morto", que permite a manutenção de um laço de interatividade, presença e lembrança de um sujeito ausente. Tal situação complexifica a própria relação do homem com a morte enquanto ausência de um corpo, na medida em que o corpo digital impõe a sua presença nas redes digitais.

> Numa sociedade marcada pelo ritmo das imagens e pautada pelo discurso da busca da eternidade, acreditamos que a informacionalização seja uma nova via de construção e manutenção da vida. Na sociedade midiatizada estabelecem-se novos parâmetros de produção e relação, definem-se novas espacialidades, produzem-se novos homens, constitui-se não apenas uma nova vida, mas uma "nova morte" (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 3).

Esse fenômeno, próprio da sociedade contemporânea, faz com que a morte e os rituais a ela ligados sejam encarados de forma diferente pelos mais jovens, de maneira menos sombria e negativa, na medida em que parece carregar a "expectativa de 'algum tipo de continuidade', herança da miscelânea religiosa, tecnológica e midiática que alcança nossos tempos, e num resgate da aceitação da morte como parte inexorável do ciclo natural da vida" (SILVESTRE; AGUILERA, 2006, p. 6). Assim, com a crescente importância do ciberespaço para o estabelecimento das interações sociais contemporâneas, a morte tem encontrado espaços para discussão, contemplação e espetacularização em nosso cotidiano.

A Transformação dos Ritos Fúnebres a partir das Tecnologias Digitais

No atual contexto sociocultural em que as tecnologias digitais vêm modificando a maneira como produzimos e consumimos informação e as formas como nos comunicamos e nos relacionamos, a internet assume um papel relevante, influenciando na expressão e elaboração do luto e modificando o relato de experiências e a expressão de sentimentos. Nesse sentido, é importante ressaltar que a reflexão acerca da morte e de seus rituais a partir das tecnologias digitais vem despertando interesse de vários estudos brasileiros, em sua

maioria dedicados às práticas de lutos e representação da morte no ciberespaço, em especial no site de rede social *Orkut*[5].

Apesar de, no Brasil, o *Orkut* ter representado um marco importante para essas manifestações, Tomasi (2012) afirma que as práticas do luto na internet, como deixar mensagens de pêsames ou de homenagem ao ente falecido, são encontradas desde a metade da década de 1990, com a criação de "cemitérios virtuais", como o *MyCemetery.com*[6], criado em 1994, nos Estados Unidos. A exemplo desse site, vários outros surgiram depois, como o francês *Le Cimetière*[7]; o *Campa Virtual*[8], de Portugal; e o *Jardin Celestial*[9], do Equador. Basicamente, esses cemitérios *online* funcionam como uma espécie de "rede social para mortos", cada túmulo virtual serve como um "perfil", contendo idade com que faleceu, datas e locais de nascimento e morte, fotos, além de um texto de apresentação. No *Le Cimetière* é possível, inclusive, criar túmulos virtuais para celebridades. Esses sites também costumam oferecer a possibilidade do visitante depositar flores e velas virtuais, que desaparecem depois de alguns dias, tal como ocorre nos túmulos materiais.

Como podemos perceber, são vários os estudos que se dedicam à reflexão das manifestações de luto e dos rituais fúnebres em ambientes *online*. Entretanto, o que queremos chamar a atenção neste trabalho é para as modificações que essas práticas sofrem não apenas no ciberespaço, mas também no ambiente "*offline*" de existência, na medida em que as tecnologias digitais, em especial os dispositivos móveis, tonam-se cada vez mais pervasivos em nosso cotidiano.

Um exemplo dessas modificações pode ser percebido na realização dos chamados "velórios virtuais". Em outubro de 2012, a câmara dos vereadores de Campinas (SP) foi destaque nos noticiários nacionais por aprovar a implantação do serviço de "velório virtual" nos cemitérios públicos da cidade[10]. Pelo projeto, que ainda passaria pela sanção do prefeito, a cerimônia fúnebre seria transmitida pela internet e as imagens acessadas por meio de senhas exclusivas, que seriam liberadas pelos parentes do falecido. A Urbanizadora Municipal (Urbam), da cidade de São José dos Campos (SP), também oferece gratuitamente esse serviço. Além de receber um link para o *streaming* das condolências, com autorização

[5] Vide trabalhos de Rezende e Barbosa (2007); Rezende (2008; 2009); Albuquerque (2007); Negrini (2010); Gurgel et al (2011); Tomasi (2012); Rodrigues (2012).
[6] Disponível em: <http://www.mycemetery.com/my/index.html>.
[7] Disponível em: <http://www.lecimetiere.net/>.
[8] Disponível em: <http://www.campavirtual.com/>.
[9] Disponível em: <http://www.jardincelestial.com/>.
[10] Disponível em <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/10/camara-aprova-servico-de-velorio-virtual-em-cemiterios-de-campinas.html>. Acesso em 06 jun 2013.

dos familiares do morto, o pacote de serviços inclui a possibilidade de mandar mensagens virtuais para os parentes.

Apesar de ainda incomum nos cemitérios públicos brasileiros, nos particulares, os velórios virtuais já são oferecidos há pelo menos dez anos, como diferencial em serviços fúnebres. Alguns possibilitam também o acompanhamento dos velórios em "tempo real", além de disponibilizar serviço de obituários *online*, por meio dos quais as pessoas podem deixar suas mensagens de condolências aos familiares; obter informações sobre data, hora e local dos velórios e sepultamentos; e até mesmo enviar flores por meio de uma floricultura *online*.

Um dos principais atrativos desses serviços é a possibilidade "de diminuir a distância de familiares e amigos que por algum motivo estão longe e não podem acompanhar o velório no local"[11] ou até mesmo "ajudar alguém que esteja no exterior, perdeu a mãe ou pai, e não conseguiria chegar a tempo para dar o último adeus", como explicou o autor do projeto de implantação desse serviço no cemitério público de Campinas[12].

Em outras palavras, os velórios virtuais oferecem a possibilidade de experienciar a ubiquidade, borrando qualquer fronteira até então bem delimitada entre presença e ausência, ao permitir que uma pessoa interaja simultaneamente em dois contextos espaciais distintos (SANTAELLA, 2007). Dessa forma, até mesmo os amigos e os familiares mais distantes geograficamente podem velar o corpo do falecido, mantendo os sentimentos de coesão social e de solidariedade, dos quais nos fala Rodolpho (2004).

Esses mesmos sentimentos estão presentes nos obituários *online*, conforme pode ser percebido na Figura 1, que mostra o exemplo desse serviço oferecido por uma funerária brasileira[13]. Nela, é possível perceber que, além da possibilidade de compartilhar as principais informações sobre o velório e o sepultamento nos sites de redes sociais como *Facebook* e o *Twitter* (indicado na figura pelo número 1), o que ajuda a expandir a capacidade de circulação dessa informação, o obituário *online* também possibilita que qualquer pessoa, mediante ao preenchimento de um simples cadastro (indicado na figura pelo número 2), possa deixar sua homenagem ao falecido, fazendo com que esse espaço se torne mais um "ponto de encontro" entre aqueles que vivem ou se solidarizam com o luto (indicado na figura pelo número 3).

[11] Trecho do texto de apresentação do serviço de "velório virtual" de um cemitério particular. Disponível em: <http://www.grupovila.com.br/cemiterios/moradadapaz/velorio-virtual/>.
[12] Vereador Francisco Sellin (PMDB).
[13] Disponível em: <http://www.grupovila.com.br/obituario/>.

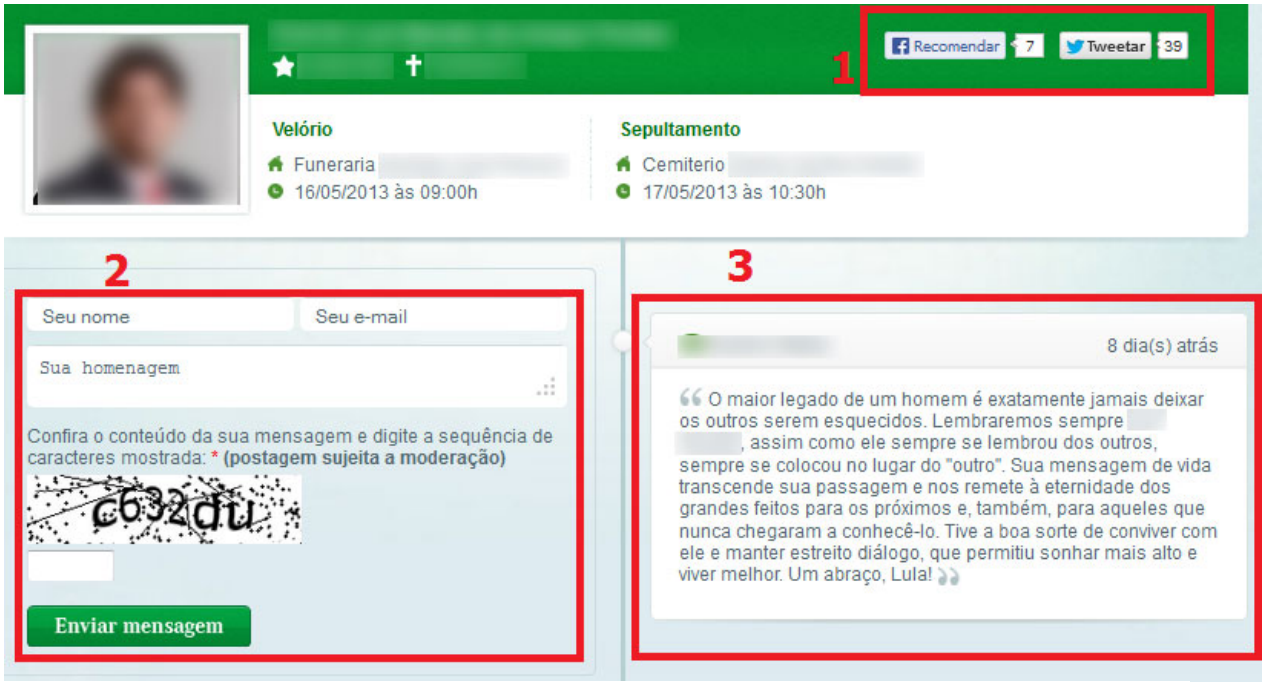

Fig. 01 – Exemplo de um obituário *online*

É importante perceber que as mensagens de homenagens não se fazem presente apenas no período de luto, mas são atualizadas em períodos como aniversários de nascimento ou de morte, fazendo com que esses espaços se tornem espécies de memoriais. A Figura 2 mostra uma mensagem deixada na seção "Homenagem" do site de um cemitério brasileiro[14], fazendo referência aos dois anos de falecimento de uma pessoa.

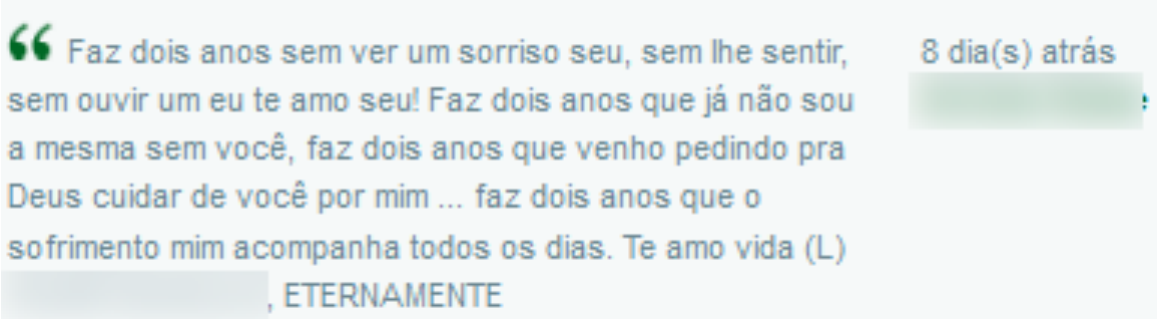

Fig. 02 – Mensagem deixada na seção "Homenagem" do site de um cemitério

Homenagear os falecidos em comunidades virtuais ou transformar os "murais de recados" de seus perfis em verdadeiros "memoriais" já eram comuns nas redes sociais como o *Orkut*, conforme os trabalhos citados anteriormente. Mas, o que chamamos atenção agora

[14] Disponível em <http://www.grupovila.com.br/homenagens/>.

é para a institucionalização dessa prática, que passa a ser incorporada como diferencial dos serviços oferecidos pelas empresas. Essa mesma lógica também pode ser percebida em relação às imagens em homenagem ao morto que circulam nas redes sociais. Em trabalho sobre as práticas de luto no *Orkut*, Tomasi (2012) atenta para a prática de compartilhamento de fotos e das "lembrancinhas de morte", geralmente cartões com fotos e frases em homenagem ao falecido, que são distribuídos nas missas de sétimo dia. Atualmente, alguns cemitérios disponibilizam até aplicativos para que os amigos e familiares montem seus próprios vídeos de despedida[15]. No material de divulgação de um desses aplicativos no *Facebook* (Figura 3), o apelo da mensagem é voltado para a "homenagem como um ato de amor" e, paradoxalmente, a ideia de morte passaria despercebida se a *fanpage* não pertencesse a um cemitério.

Fig. 03 – Material de divulgação do aplicativo "Um gesto de amor"[16]

[15] Disponível em <http://umgestodeamor.moradadapaz.com.br/>.
[16] Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/photo.php?fbid=174867126012086&set=a.108703829295083.20258.100716156760517&type=1&theater>.

Outra iniciativa que expõe as transformações dos rituais na era das tecnologias digitais é uma prática que tem se tornado cada vez mais comum em cemitérios japoneses. Depois do enterro de amigos e familiares, é hábito visitar regularmente o túmulo, seja para limpá-lo, cuidá-lo ou apenas prestar homenagens. No Japão, entretanto, a falta de espaço nos cemitérios tradicionais fez com que algumas empresas criassem cemitérios verticais, ocupando vários andares de edifícios. Nestes casos, a exibição das urnas é feita em salas especiais, com televisões e música ambiente, onde são exibidos fotos e vídeos do falecido. Além disso, auditórios para cultos ecumênicos são disponibilizados para a realização de cerimônias, em um processo que integra tradição e tecnologia. As condolências são, então, prestadas longe das urnas, as quais o acesso é feito apenas via cartões RFID[17], para garantir a segurança e a privacidade no local.

As ferramentas disponíveis na internet contemplam também os interesses do "futuro morto", na medida em que há a possibilidade de decidir o que acontecerá com os dados disponíveis na rede após a morte. A preparação para a morte, como a compra de túmulos, criação de testamentos, acesso bancário a familiares após o falecimento, por exemplo, aparecem na internet com possibilidades análogas oferecidas por serviços como o *Inactive Account Manager*[18], criado pelo *Google*.

Com um nome discreto, sem alusão direta à morte, a ferramenta sugere que os usuários planejem o que acontecerá após suas mortes. O *Google* entenderá que o usuário está morto de acordo com o tempo de inatividade de sua conta – que pode ser determinado pelo próprio internauta e pode variar de três meses a um ano. Após detectar a morte do usuário, o gerenciador seguirá as instruções deixadas pelo falecido em relação ao destino de seus dados disponíveis na rede.

É possível indicar quais parentes e amigos serão avisados do ocorrido e quais dados eles poderão acessar – desde emails, conta no *Google*+, etc.) –, além da possibilidade de programar uma resposta automática ou pedir ao *Google* que delete sua conta. "Nós esperamos que essa ferramenta ajude você a planejar o seu além-da-vida digital, e facilite a vida dos seus entes queridos depois que você se for", afirma o *Google* no texto de apresentação do seu gerenciador, assemelhando-se aos tradicionais prestadores de serviços funerários.

A repercussão da nova ferramenta aparece, por vezes, de forma ironizada entre os usuários em comentários de *blogs* na internet. Mas, em geral, as manifestações são positivas

[17] Identificação por radiofrequência (do inglês *Radio-Frequency IDentification*).
[18] Gerente de conta inativa – Tradução livre das autoras.

e de parabenização à iniciativa, como indicado na Figura 4, já que, de fato, esta tem sido uma preocupação crescente no mundo contemporâneo.

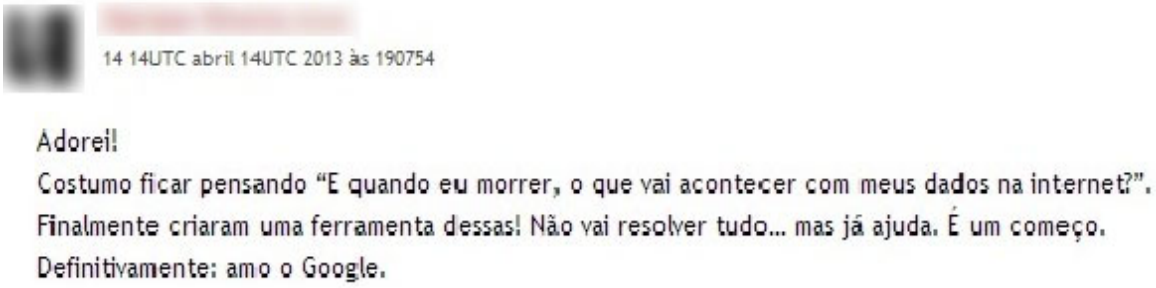

Fig. 04 – Exemplo de comentário sobre a ferramenta *Inactive Account Manager* no *blog Re:Bit*, da revista *Super Interessante*[19]

Outra ferramenta disponível é o aplicativo chamado *If I Die*[20], que permite ao usuário manter ativo seu perfil no *Facebook*, com direito a postar seus últimos desejos e, até mesmo, enviar mensagens a seus amigos. Após instalar o aplicativo, o usuário pode escolher três perfis de pessoas de sua confiança: elas serão responsáveis por confirmar sua morte. Depois, basta começar a escrever *posts* e fazer o *upload* de vídeos que serão publicados depois da confirmação de sua morte.

Uma segunda opção é o aplicativo *If I Die First*[21], muito parecido com a plataforma descrita anteriormente, mas uma ferramenta em que o usuário tem a oportunidade de ter sua mensagem divulgada no *Mashable*[22] e em sites e canais de televisão de diversos países do mundo – caso seja o primeiro a morrer entre os seus amigos cadastrados no aplicativo.

[19] Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/rebit/>.
[20] Se eu Morrer – Tradução livre das autoras. Disponível em: <http://ifidie.net/>.
[21] Se eu Morrer Primeiro – Tradução livre das autoras. Disponível em: <http://www.ifidie1st.com/>.
[22] Disponível em: <www.mashable.com>.

Fig. 05 – Imagem do site do aplicativo *If I Die First*

No que se refere aos restos mortais, a tecnologia também tem modificado as formas de armazenamento e a postura do indivíduo em relação a eles. Hoje é possível transformar as cinzas de um ente querido em um quadro decorativo para homenageá-lo. A *Loved Ones Art*[23], empresa da cidade de Jenkintown, Pensilvânia (EUA), por exemplo, trabalha com um processo que transforma as cinzas do falecido em pigmentos para tinta que, em seguida, é utilizada por artistas para compor um quadro. Há também a possibilidade de transformar as cinzas em um disco de vinil, com as músicas escolhidas pelo cliente – iniciativa da empresa britânica *And Vinyly*[24] – ou transformá-las em diamantes, através da empresa *LifeGem*[25]. Ou, ainda, enviar as cinzas para o espaço: as cinzas viajam no lado externo de uma aeronave que, ao entrar em órbita, abre a urna liberando os restos mortais no espaço.

Percebemos, dessa maneira, que a até mesmo os rituais de despedida tendem a se espetacularizar na sociedade contemporânea. Afinal, o "[...] espetáculo de que fala Debord (1997) não consiste apenas nas imagens, mas também nos rituais políticos, religiosos e nos hábitos de consumo" (RODRIGUES, 2012, p.13).

Ao analisar as atuais tendências norte-americanas para a realização dos rituais fúnebres, Rodrigues (2012) afirma que a espetacularização da morte é também uma maneira de continuar negando-a, pois, faz-se de tudo para não pensar na ideia de morte, chegando ao ponto de fazer com que o morto participe de sua própria cerimônia fúnebre como se estivesse vivo: lendo um jornal, assinando um cheque e até mesmo montado em uma motocicleta.

Dessa forma, a vida nas sociedades contemporâneas – assim como em todas as sociedades nas quais reinam, conforme Debord (1997), as condições modernas de produção –, apresenta-se como uma grande acumulação de espetáculos, onde "[...] tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação" (DEBORD, 1997, p. 13). Assim, essa "hiperritualidade dos funerais" (RODRIGUES, 2012), ao fazer com que os signos operem no lugar das coisas e resultem em espirais de representações cada vez mais complexas, seria também uma estratégia de negação da morte, que garantiria certa tranquilidade aos indivíduos, ao oferecer a ideia de que a vida não tem limites (RODRIGUES, 2012).

Considerações Finais

[23] Disponível em: <http://www.lovedonesart.com/>.
[24] Disponível em: <http://www.andvinyly.com/>.
[25] Disponível em: <http://www.lifegem.com/>.

Em tempos de morte interdita e introspectiva, o ciberespaço tem se tornado ambiente "alternativo" para a prática de rituais *post-mortem*. Segundo Morin (2005), é na morte que o homem constrói o entendimento de si: é na consciência da própria finitude que o homem se diferencia dos outros seres vivos. Como a superação da morte biológica não está ao alcance do homem, mas está no campo simbólico ou no imaginário, uma estratégia para desviar o foco da sua própria morte é a discussão acerca da morte "do outro".

Apesar de proporcionarem um espaço alternativo para a discussão sobre o tema da morte e um ambiente propício para o florescimento de novas formas de vivência do luto, as tecnologias digitais têm oferecido também um lugar "cômodo" para aqueles que não se sentem à vontade com ambientes fúnebres ou com os rituais de luto. Essa praticidade em enviar mensagens de consolo e fazer homenagens através de vídeos e mensagens digitais pode ser um indício de como as pessoas seguem buscando alternativas para o distanciamento do tema da morte.

Juntamente com a praticidade e o distanciamento emocional, as tecnologias digitais têm permitido que todo o exacerbamento de emoções, socialmente coibidos no tipo de sociedade em que vivemos, ocorra através da espatacularização da morte: seja nas mensagens deixadas em redes sociais, nas homenagens virtuais enviadas a amigos e parentes ou mesmo no excesso de exposição de informações e imagens.

Tais mensagens expressam a dor da perda para os vivos, ou seja, dirigem-se, em última instância, aos que "sobreviveram" neste mundo –, atendendo à necessidade de mostrar-se em sofrimento. Se, por um lado, a tecnologia tem oferecido um lugar para extravasar os sentimentos socialmente reprimidos, por outro, chegou-se ao nível da espetacularização do sofrimento e da dor da perda. Assim, rituais como a produção de discos, pedras preciosas e obras de arte com as cinzas dos mortos, indicam uma mudança no posicionamento ao que se refere ao armazenamento dos restos mortais. Se antes as cinzas eram guardadas em urnas, jogadas ao mar ou no campo, etc., hoje elas podem ser transformadas em bens culturais e de consumo graças às possibilidades oferecidas pela tecnologia.

As possibilidades técnicas, as ideias criativas e as alternativas mercadológicas e vendáveis do tema da morte, no entanto, não são suficientes para compreender por que a morte passou a ser encarada de maneira espetacularizada a ponto de ser materializada em um objeto decorativo – como uma pintura – ou de entretenimento – como um disco com as

canções preferidas do falecido. Para que isso acontecesse, certamente foi necessária uma mudança de postura em relação às tradicionais formas de vivência do luto.

Admitindo a influência da tecnologia, mas buscando não cair em um determinismo tecnológico, acreditamos que tais transformações estão diretamente ligadas ao processo de desenvolvimento técnico das sociedades ocidentais atuais. Além disso, a busca pela distinção, da qual nos fala Bourdieu (2007), segue acontecendo após a morte, seja através da confecção de diamantes com restos mortais, seja com a excêntrica viagem das cinzas até o espaço, para lá permanerecem pela eternidade. Porque transformar as reminiscências de entes queridos em bens culturais e de consumo também pode ser fortes indicativos da forma como vivemos no Ocidente, o que nos faz retornar a uma das primeiras constatações deste trabalho: a forma como lidamos com a morte é reflexo da maneira que vivemos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, Milena C. B. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto. Natal: EDUFRN, 2006.

GURGEL, Wildoberto et al. Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. **Caderno de Pesquisa**, v.18, n.1, 2011. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411>. Acesso em: 6 jun 2013.

LOUREIRO, Altair M. L. **A velhice, o tempo e a morte**: subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEGRINI, Michele. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut "Profiles de Gente Morta". **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.6, n.8, pp. 13-33, jan/jun 2010.

REZENDE, Renata. "A multiplicação dos mortos": comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2009, Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2009.

_____. "O Renascimento do Purgatório": espaço tecnológico da morte contemporânea. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2008, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal: Intercom, 2008.

_____; BARBOSA, Marialva. Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2007, Santos. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Intercom, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. Espetáculos Fúnebres e Personalização. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2012, Fortaleza. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Forteleza: Intercom, 2012.

RODOLPHO, Adriane L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, pp. 138-146, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518>. Acesso em: 26 de mai 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel V. Morte e luto no ciberespaço. **Anais do II Simpósio da ABCiber**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>. Acesso em: 6 jun 2013.

TOMASI, Julia M. Com lembrancinhas de morte e homenagens ao ente querido: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2010). **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n 31, pp. 181-204. Abril de 2012. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html.>. Acesso em 6 jun 2013.